



## II SIMPÓSIO PROCESSOS CIVILIZADORES NA PANAMAZÔNIA

Figuração, interculturalidade e  
relação de poder

9 a 11 de junho de 2021  
Manaus-AM-Brasil

ISBN: 978-65-89908-54-8

### O CONSUMO DE ANIMAIS SILVESTRES NO ESTADO DO AMAZONAS

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

**PACHECO; DIENY FERREIRA <sup>1</sup>, COSTA; FRANCIMARA SOUZA DA <sup>2</sup>**

#### RESUMO

As populações humanas que vivem em áreas florestais utilizam a fauna silvestre e seus produtos há aproximadamente 10.000 anos (REDFORD e ROBINSON, 1987; TCA, 1999). Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo apresentar os principais fatores que levam as pessoas a consumir carne de animais silvestres, considerando as diferenças entre as áreas rural e urbana. A revisão também recomenda ações que podem ser tomadas para conciliar esse hábito, que é uma necessidade das populações que habitam áreas de florestas no Estado do Amazonas, com a conservação das espécies. Realizou-se um levantamento bibliográfico, com abordagem qualitativa. Os artigos foram acessados por meio da Web of Science e da biblioteca virtual SciELO. Os resultados demonstram que o consumo de animais silvestres é de extrema importância para a manutenção da segurança alimentar do povo amazônico. No entanto, sabe-se que, o consumo e a caça são insustentáveis. De acordo com Fa et al. (2009) o consumo da fauna silvestre como fonte de alimento em áreas rurais e urbanas promove pressões que afetam a fauna, levando ao declínio de espécies florestais tropicais (PARRY et al., 2015). A caça predatória é uma das causas do declínio da biodiversidade, gerando consequências para a subsistência das comunidades tradicionais e promovendo a defaunação (REDFORD et al, 1992; PERES et al, 2007). Ao mesmo tempo, a carne de animais silvestres contribui para a alimentação de 20% a 70% de milhões de pessoas em todo o mundo, principalmente em regiões de florestas tropicais e é de grande importância na alimentação domiciliar, tanto em áreas rurais quanto urbanas do estado do Amazonas (FA et al., 2009). Os principais fatores identificados como influenciadores do consumo de carne de animais silvestres são: histórico de ocupação, preferência por carne silvestre, acesso ao mercado, disponibilidade de substitutos da carne de caça, condição financeira e renda (PARRY et al. 2014; CHAVES et al., 2017). Parry et al. (2014) observaram que o consumo de carne de caça diminui à medida que passam a ter outros alimentos alternativos. A falta de renda fixa influencia as populações urbanas mais pobres a obter carne silvestre por meio da

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, dieny\_bio@hotmail.com

<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, francimaracosta@yahoo.com

caça, enquanto as populações urbanas com maior poder aquisitivo consomem a carne por meio da compra. Bizri (2020) demonstrou que nos 62 municípios do estado do Amazonas estudados, 80,3% da população consome carne de animais silvestres. Desta população, 80,1% compra a carne para consumo e 14,9% a obtém através da caça. O autor também identificou que 79% das famílias urbanas nas cidades amazônicas consomem carne silvestre, o que está relacionado ao esgotamento da fauna próxima às cidades. Evidências de consumo de carne selvagem na área urbana (PARRY et al. 2014, VAN VLIET et al. 2014) e urbanização sistêmica em regiões florestais têm sido apontadas como fatores que exercem forte pressão para reduzir a população de vida selvagem (WILKIE et al. 2011). Chaves (2020) estima que o consumo doméstico de tartarugas em áreas urbanas do Estado do Amazonas foi de ~ 1,7 milhão em 2018, e Manaus foi responsável por cerca de 40% desse consumo (~ 792 mil por ano) e Manacapuru foi responsável por aproximadamente ~ 15% (~ 267 mil por ano). A autora destacou ainda que o consumo da fauna silvestre vai mudando à medida que os países se urbanizam, mostrando que a migração do meio rural para o urbano e as diferentes gerações (adultos x crianças) podem afetar esse consumo. Essa aproximação dos centros urbanos pode levar a mudanças nos ecossistemas e, sucessivamente, à perda e declínio de muitas espécies caçadas para consumo de subsistência (STONER et al. 2007, CHAVES et al., 2020). A criação de programas de manejo em comunidades que praticam a caça de subsistência pode contribuir para a redução da pobreza (CAMPOS-SILVA E PERES, 2016). Observou-se que a educação ambiental e o marketing social também podem contribuir no longo prazo (LEISHER et al., 2012), a mudança de comportamento no hábito de consumir animais silvestres frente às normas e tabus sociais (VERÍSSIMO et al., 2012), essenciais para associar a conservação da fauna e a manutenção do consumo de carne de caça por populações que precisam desse recurso para viver. A pesquisa destacou fatores importantes que podem contribuir para esforços futuros relacionados à redução da demanda de consumo de carne por animais silvestres no Amazonas e outras regiões do Brasil. Enquanto políticas efetivas de manejo e proteção da fauna silvestre não avançam, a segurança alimentar das populações humanas que vivem da caça para subsistência e renda, está ameaçada, fazendo-se necessário estratégias que garantam a conservação da fauna e a manutenção da cultura local. **REFERÊNCIAS** Campos-Silva, J.V., Peres, C.A., 2016. Community-based management induces rapid recovery of a high-value tropical freshwater fishery. *Sci. Rep.* 6, 34745. Chaves, W.A et al. 2017a. Market access and wild meat consumption in the central Amazon, Brazil. *Biological Conservation*, 212: 240-248. Chaves, W.A.; Sieving, K.E. & Fletcher Jr., R. 2017b. Avian responses to reduced-impact logging in the southwestern Brazilian Amazon. *Forest Ecology and Management*, 384: 147-156. 143 Chaves, W. A et al 2020. Impacts of rural to urban migration, urbanization, and generational change on consumption of wild animals in the Amazon. *Conservation Biology*. El Bizri HR, et al. 2020. Urban wild meat consumption and trade in central Amazonia. *Conserv Biol* 34:438-448. Fa, E et al 2009. Linkages between household wealth, bushmeat and other animal protein consumption are not invariant: evidence from Rio Muni, Equatorial Guinea. *Animal Conservation* 12:599-610. Leisher, C et al. 2012. Measuring the benefits and costs of community education and outreach in marine protected areas. *Mar. Policy*. Parry, L.; Barlow, J. & Pereira, H. 2014. Wildlife harvest and consumption in Amazonia's urbanized wilderness. *Conservation Letters*, 7: 565-574. Peres C, Palacios E. 2007. Basin-Wide Effects of Game Harvest

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, dieny\_bio@hotmail.com

<sup>2</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, francimaracosta@yahoo.com

on Vertebrate Population Densities in Amazonian Forests: Implications for Animal-Mediated Seed Dispersal. *Biotropica* 39:304-315. Redford, K.H. & Robinson, J.G. 1987. The game of choice: patterns of Indian and colonist hunting in the Neotropics. *American Anthropologist*, 89(3): 650-667. Redford, K.M. 1992. The empty forest. *BioScience*, 42(6): 412-422. Stoner, K *et al* 2007. The role of mammals in creating and modifying seed shadows in tropical forests and some possible consequences of their elimination. *Biotropica* 39:316-327. TCA. Conservation and use of wild fauna in protected areas of the Amazon. Caracas: Pro Tempore Secretary. Series Treaty of Amazonian, 1999. Van Vliet *et al* 2014. The uncovered volumes of bushmeat commercialized in the Amazonian trifrontier between Colombia, Peru & Brazil. *Ethnobiology and Conservation* Veríssimo, D., Challender, D.W.S., Nijman, V., 2012. Wildlife trade in Asia: start with the consumer. *Asian J. Conserv. Biol.* 1 (2), 49-50.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caça, conservação, Amazônia, segurança alimentar